

YE, Ting-Xhing. Meu nome é Número 4, uma história real da Revolução Cultural Chinesa. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.

Elza Yasuko Passini

Universidade Estadual de Maringá

Departamento de Geografia
Av. Colombo, 5.790, Bloco J-12, Sala 08, Maringá, Paraná, Brasil
elzayp@wnet.com.br

A narrativa transcorre na primeira pessoa, a filha Número 4, que em linguagem simples relata a sua vivência nesse período conturbado da História da China.

A autora nasceu em Xangai em 1952 era filha de empresário e neta de fazendeiro e por essa origem “burguesa” amargou a classificação de “Os Cinco Pretos”, categoria de pessoas politicamente “impuras”, composta por ex-donos de terras, camponeses ricos, contra-revolucionários, direitistas e ex-capitalistas. Ela e sua família foram discriminadas e pagaram caro por serem de família de capitalistas, que “exploraram e roubaram os proletários”.

Com apenas 16 anos de idade fora exilada para a prisão agrícola e lá trabalhou nos campos de cultivo por seis anos (1968-1974) passando por programa de reeducação política. Após esse período penoso de sua história, a autora foi liberada e conseguiu ser admitida na Universidade de Pequim onde estudou língua e literatura inglesa. Trabalhou como intérprete em Xangai junto a delegações oficiais da Austrália, países europeus, países africanos, Estados Unidos e Canadá. Quando tinha 35 anos ela foi para a Universidade York como professora visitante e lá decidiu permanecer.

É um relato de sofrimento que a autora viveu entre incertezas e inseguranças, na sua adolescência, um período por si de ansiedades.

As descrições sazonais das paisagens, dos tipos de tempo e produções no campo são muito geográficas. A autora coloca um mapa no início do livro, para que toda sua trajetória no espaço e no tempo possa ser geograficamente visualizada.

A narrativa do livro entra na categoria que Le Goff¹ classifica como a “História vista de baixo”. É muito forte a forma como a autora transmite a confusão das regras e discursos dos líderes, pois os próprios líderes dos grupos e sub grupos seguiam ordens interpretadas de diferentes maneiras. Havia na verdade muita instabilidade que gerava insegurança. Cedo ela aprendeu que “dizer a verdade pode custar a vida”. Fazer perguntas também era muito perigoso, pois poderia ser interpretado como crítica ao partido.

As humilhações a que as pessoas consideradas pertencentes à classe dos “Cinco Pretos” foram submetidas eram diversas e dependiam, como sempre, da capacidade criativa e espírito sádico dos líderes locais. O princípio ditado por Mao Tse Tung de que “cada um faz o que pode e recebe o que necessita” tinha também exceções, principalmente na divisão das tarefas e ração de alimentos, considerando as classes dos vermelhos (proletários) e pretos (ex capitalistas).

A autora descreve também a forma como Mao era recebido pelas multidões que se mantinham em fila, passando fome e frio, durante horas. Ela mesma confessa querer que tudo terminasse para que pudesse ir para o alojamento e descansar. Não havia muita compreensão das finalidades discursadas, mas momentos coletivos de tédio para se aliviarem dos trabalhos forçados ou momentos de sofrimento para ficarem em posição e vigilante para não desviarem o olhar para não serem punidos.

O trabalho na prisão agrícola era muito rigoroso mas ao mesmo tempo, ela se diz “orgulhosa por conseguir receber um salário

pelo próprio trabalho”. O cotidiano muito árduo tinha pelo menos as refeições, embora parcas, garantidas.

O clima de vigilância mútua se instala e ninguém pode confiar em ninguém, pois muitos colegas de trabalho e dos dormitórios tornavam-se “fiscais”, olheiros dos camaradas por ridículas porções extras de comida ou alguma comodidade. Na verdade, como a situação de todos era de extrema fome, esgotamento físico pelos trabalhos forçados, carência de conforto físico e emocional, eles trocavam sua ética e moral por mínimos “favorecimentos”.

Desta forma, além dos sofrimentos ditados pelo trabalho, ração pobre, insegurança pela falta de conhecimento sobre os fatos, instaurava-se também o clima de desconfiança mútua, tornando a vida solitária no campo agrícola, ainda mais doloroso.

A autora relata como de incidente em incidente ela vai se tornando insensível, silenciosa, dissimulada, apenas corpo que segue a turba.

No entanto, nos momentos que lhe faltava sono ou nos momentos que podia ficar sozinha, não perdeu tempo: estudou! E foram esses momentos roubados de sono e descanso que possibilitaram a ela ingressar na Universidade e seguir a carreira acadêmica.

Os relatos da autora são pontuados da cultura chinesa de valorização dos pais, avós, da história familiar que a Revolução não conseguiu apagar. A imagem dos pais foram massacrados e desvalorizados, desonrados, mas no seu interior os 5 irmãos continuaram firmes respeitando seus antepassados considerados “vergonhosos capitalistas”. Enquanto recebia a notícia de que fora aceita na universidade, ela reflete como seus pais e avós sentiriam orgulho de terem alguém da família na universidade.

NOTA

¹Jacques Le Goff, historiador francês, que adverte sobre a necessidade de se conhecer a História vista de baixo para não interpretar os fatos apenas sob a ótica da História Oficial.

Data de submissão: 02.07.2012

Data de aceite: 02.07.2012